

**Identidade e Pertencimento na Contemporaneidade: Leitura Interdisciplinar de *A Chave da Casa*, de Tatiana Salem Levy****Identity and Belonging in Contemporary Times: An Interdisciplinary Reading of *A Chave da Casa*, by Tatiana Salem Levy****Identidad y pertenencia en la época contemporánea: una lectura interdisciplinaria de *A Chave da Casa*, de Tatiana Salem Levy**
Título en español**Regina Lúcia Gonçalves Pereira Silvestrini**

Doutoranda em Letras

Instituição: Universidade Estadual de Maringá

Endereço: Av. Colombo, 5790, Zona 7, Maringá - PR, CEP: 87020-900

E-mail: silvestriniregina@gmail.com

RESUMO

A identidade revela-se como um processo dinâmico, longe de constituir uma essência fixa e imutável, por estar constantemente moldada por discursos, deslocamentos e interações culturais. Com base nas reflexões de Andrea Semprini (1999), Zygmunt Bauman (2005), Tomaz Tadeu da Silva (2009) e Arnaldo Rosa Viana Neto (2010), este artigo investiga as tensões entre multiculturalismo e pluriculturalismo, tomando como objeto de análise o romance *A Chave da Casa*, de Tatiana Salem Levy (2010). A trajetória da protagonista, em sua busca por raízes na Turquia, evidencia a fluidez identitária e demonstra que o pertencimento não se dá como um simples retorno às origens, mas como um movimento contínuo de ressignificação e reconstrução.

Palavras-chave: multiculturalismo, pluriculturalismo, identidade, a chave da casa.

ABSTRACT

Identity is revealed as a dynamic process, far from constituting a fixed and immutable essence, as it is constantly shaped by discourses, displacements and cultural interactions. Based on the reflections of Andrea Semprini (1999), Zygmunt Bauman (2005), Tomaz Tadeu da Silva (2009) and Arnaldo Rosa Viana Neto (2010), this article investigates the tensions between multiculturalism and pluriculturalism, taking as its object of analysis the novel *A Chave da Casa*, by Tatiana Salem Levy (2010). The protagonist's trajectory, in her search for roots in Turkey, highlights the fluidity of identity and demonstrates that belonging does not occur as a simple return to one's origins, but as a continuous movement of resignification and reconstruction.

Keywords: multiculturalism, pluriculturalism, identity, the key to the house.



RESUMEN

La identidad se revela como un proceso dinámico, lejos de constituir una esencia fija e inmutable, ya que se ve constantemente moldeada por discursos, desplazamientos e interacciones culturales. Basado en las reflexiones de Andrea Semprini (1999), Zygmunt Bauman (2005), Tomaz Tadeu da Silva (2009) y Arnaldo Rosa Viana Neto (2010), este artículo investiga las tensiones entre el multiculturalismo y el pluriculturalismo, tomando como objeto de análisis la novela *A Chave da Casa*, de Tatiana Salem Levy (2010). La trayectoria de la protagonista, en su búsqueda de raíces en Turquía, destaca la fluidez de la identidad y demuestra que la pertenencia no ocurre como un simple retorno a los orígenes, sino como un movimiento continuo de resignificación y reconstrucción.

Palabras clave: multiculturalidad, pluriculturalidad, identidad, la llave de la casa.

1 INTRODUÇÃO

A identidade é um conceito dinâmico e multifacetado, constantemente atravessado por questões de memória, pertencimento e interação cultural. No passado, ela era comumente associada a elementos estáveis, como nacionalidade, etnia ou tradição, porém, na contemporaneidade é marcada pela globalização e pelos fluxos migratórios, tornando-se fluida, negociada e sujeita a contínuas ressignificações. Essa transformação tem sido amplamente debatida por teóricos como Zygmunt Bauman (2005), Andrea Semprini (1999), Tomaz Tadeu da Silva (2009) e Arnaldo Rosa Viana Neto (2010), estudiosos que analisam as implicações do multiculturalismo, do pluriculturalismo e da modernidade líquida na constituição do sujeito contemporâneo.

O romance *A Chave da Casa*, de Tatiana Salem Levy (2010), insere-se nesse debate, ao narrar a trajetória de uma personagem em busca de pertencimento. Descendente de imigrantes judeus-turcos, ela recebe do avô a chave de uma casa na Turquia e parte em uma jornada que, mais do que um deslocamento físico, revela-se um percurso psicológico e identitário. Durante essa travessia, depara-se com as contradições da memória, do exílio e da impossibilidade de um retorno pleno, ilustrando as tensões entre tradição e reinvenção, fixidez e fluidez, elementos centrais para a compreensão da identidade na atualidade.



Diante desse cenário, o nosso artigo propõe uma análise interdisciplinar de *A Chave da Casa*, articulando as reflexões teóricas sobre identidade e pertencimento aos dilemas vividos pela protagonista do romance. O nosso principal objetivo é examinar como a obra dialoga com as discussões sobre multiculturalismo e pluriculturalismo, diferenciados por Semprini (1999) e Viana Neto (2010), bem como com a noção de identidade líquida, formulada por Bauman (2005), além da crítica ao essencialismo identitário, noções desenvolvidas por Tomaz Tadeu da Silva (2009). A partir dessa intertextualidade, buscamos demonstrar que a identidade contemporânea não constitui um ponto de chegada fixo, mas um processo em constante construção, permeado por deslocamentos, encontros e ressignificações.

O nosso artigo está assim estruturado: na seção 1, apresentamos o estudo “Identidade e Diferença: A Construção do “Eu” no Jogo das Relações Sociais”; na seção 2, “Multiculturalismo e Pluriculturalismo: entre a Preservação da Identidade e a Construção do Pertencimento”, tomando como base os autores mencionados. Na seção 3, apresentamos a leitura de *A Chave da Casa*, à luz das discussões anteriores, explorando como sua busca por um lar reflete as dinâmicas identitárias da modernidade. Nas Considerações Finais, sintetizamos as principais reflexões do estudo, destacando as contribuições da obra para o debate sobre identidade na contemporaneidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 IDENTIDADE E DIFERENÇA: A CONSTRUÇÃO DO “EU” NO JOGO DAS RELAÇÕES SOCIAIS

Durante séculos, a identidade foi compreendida como um território fixo, um ancoradouro seguro no qual os indivíduos poderiam firmar suas certezas e encontrar estabilidade. No entanto, as transformações sociais e culturais impulsionadas pela globalização, pelo avanço do capitalismo e pela revolução digital alteraram profundamente essa percepção. A identidade, antes vista como



algo sólido e imutável, tornou-se um processo instável, atravessado por desafios e reinvenções constantes.

Nesse contexto, as reflexões de Bauman (2005), e Silva (2009), oferecem perspectivas complementares sobre a identidade na contemporaneidade. Enquanto o primeiro enfatiza a fluidez e a fragmentação do sujeito na modernidade líquida, Silva aprofunda a construção discursiva da identidade, demonstrando como ela é forjada dentro de relações de poder e exclusão. Ao articular essas abordagens, percebemos que a identidade não se reduz a uma escolha individual ou a um exercício isolado de autodefinição; pelo contrário, trata-se de um campo de disputas no qual forças políticas, sociais e econômicas moldam, delimitam e hierarquizam as formas possíveis de ser e pertencer.

Na modernidade sólida, conforme argumenta Bauman (2005), a identidade era relativamente estável. Instituições como família, religião, Estado e trabalho forneciam aos indivíduos papéis sociais bem definidos, que permaneciam, em grande medida, constantes ao longo da vida. Nessa configuração, a identidade era construída como um processo previsível de adequação às normas estabelecidas, reduzindo as incertezas e angústias do sujeito.

Com a chegada da modernidade líquida, entretanto, essas estruturas começaram a se dissolver. O sujeito contemporâneo já não recebe uma identidade pronta; ao contrário, precisa construí-la continuamente em um cenário de incerteza, onde nada é permanente. A globalização e a cultura do consumo criaram um ambiente no qual a identidade se torna um projeto instável, um fardo que exige reinvenção constante para atender às demandas do mercado e da sociedade. Essa fluidez, contudo, não implica apenas liberdade. Para Bauman (2005), a dissolução das antigas referências identitárias transformou a identidade em uma fonte de angústia. Sem um porto seguro, o sujeito se encontra sempre à deriva, obrigado a navegar entre múltiplas possibilidades sem jamais encontrar um ponto fixo. Em vez de segurança, a modernidade líquida impõe a necessidade incessante de adaptação, tornando a identidade um espaço de incerteza permanente:



Modernidade líquida (2000) nos projeta num mundo em que tudo é ilusório, onde a angústia, a dor e a insegurança causadas pela “vida em sociedade”, desativam uma análise paciente e contínua da realidade e do modo como os vídeos são nela “inseridos”. Qualquer tentativa de aplacar a inconstância e a precariedade dos planos que homens e mulheres fazem para as suas vidas, e assim explicar essa sensação de desorientação exibindo certezas passadas e textos consagrados, seria tão fútil quanto tentar esvaziar o oceano com um balde. (Bauman, 2005 p.9)

O autor nos mostra como a identidade contemporânea se tornou fluida e precária, ideia ampliada por Silva (2009), ao demonstrar que essa fluidez não ocorre no vácuo, mas dentro de estruturas discursivas que regulam e hierarquizam as identidades possíveis. A identidade não é um fenómeno puramente subjetivo ou individual para Bauman, mas, um produto de discursos sociais que definem quem pode ser reconhecido e quem será marginalizado.

Inspirado nas reflexões de Michel Foucault, Tomaz Tadeu Silva (2009) argumenta que os discursos não apenas descrevem a realidade, mas também a constroem. Estabelecem categorias de pertencimento e exclusão, determinando quais identidades são legitimadas e quais são subalternizadas. Essa lógica fica evidente quando analisamos certas identidades que foram historicamente construídas dentro de sistemas normativos que consolidam as desigualdades.

A identidade de gênero, por exemplo, não é uma questão puramente biológica, mas um conjunto de normas discursivas que estabelecem expectativas sobre o que significa ser “homem” ou “mulher”. Da mesma forma, a identidade racial não é um dado natural, mas uma construção social utilizada historicamente para justificar processos de exclusão e hierarquização. Silva (2009, p.84-85) explica que

Assim, por exemplo, enquanto o recurso à biologia é evidente na dinâmica da identidade de gênero (quando se justifica a dominação masculina por meio de argumentos biológicos, por exemplo), ele é menos utilizado nas tentativas de estabelecimento das identidades nacionais, onde são comuns essencialismos culturais.

Bauman (2005) destaca a fluidez da identidade na contemporaneidade, incluindo-se Silva (2009), que nos alerta para o fato de que nem todas as



identidades possuem a mesma liberdade de transformação. Algumas podem se reinventar, conforme os interesses do mercado e das tendências sociais, enquanto outras são rigidamente fixadas, estigmatizadas e marginalizadas. Do mesmo modo, a modernidade líquida não dissolve todas as fronteiras identitárias – ela flexibiliza algumas e endurece outras, perpetuando as desigualdades estruturais.

Outro ponto de intersecção entre os autores acima mencionados, trata do papel do consumo na formação da identidade. Para Bauman, na sociedade contemporânea, a identidade tornou-se um produto de mercado, sujeito às mesmas regras de obsolescência programada que regem os bens de consumo. Ser alguém, nos dias de hoje, significa reinventar-se constantemente, adaptando-se a um mundo onde a imagem e a performance social são mais valorizadas do que a essência. Já Silva (2009) chama a nossa atenção para uma questão central: ‘essa lógica não se aplica a todos de forma igualitária’. Enquanto algumas identidades são amplamente representadas e valorizadas na cultura de consumo – como os padrões de beleza eurocêntricos, a masculinidade hegemônica e a heterossexualidade –, outras são invisibilizadas, exotizadas ou relegadas à margem. Desse modo, o consumo não apenas oferece possibilidades de diferenciação e pertencimento, mas também reforça barreiras simbólicas e materiais que limitam o reconhecimento de certas identidades. Dessa forma, a liquidez identitária apontada por Bauman não significa que todos os sujeitos possuem o mesmo grau de liberdade para escolher e reconstruir suas identidades. O consumo pode ser um mecanismo de inclusão para alguns, mas também um instrumento de exclusão para aqueles cujas identidades não se encaixam nos padrões normativos impostos pelo discurso dominante.

Um dos aspectos mais intrigantes da intersecção entre Bauman e Silva é o paradoxo entre identidade e diferença. Embora a globalização e a modernidade líquida tenham ampliado as possibilidades identitária, Bauman esclarece que também geraram insegurança e deslocamento, levando ao fortalecimento de identidades rígidas e excludentes, como o nacionalismo e o fundamentalismo religioso. Essa análise está alinhada à crítica de Silva, a identidade depende da



construção de um “outro” para existir. Entretanto, essa diferença não é neutra – ela é estabelecida dentro de um sistema de poder que define quais identidades são valorizadas e quais são rejeitadas. Em momentos de crise, os discursos que reforçam a exclusão do estrangeiro, do imigrante, do *lgbtqia+* ou de outros grupos marginalizados, emergem como resposta a um mundo que se apresenta cada vez mais incerto.

Diante das reflexões dos autores acima referidos, compreendemos que a identidade, longe de ser um território estável e seguro, passou a ser um fluxo contínuo de significados, disputas e ressignificações. Se Bauman destaca a insegurança e a necessidade incessante de adaptação da identidade contemporânea, Silva nos lembra de que essa adaptação ocorre dentro de estruturas discursivas que regulam, limitam e hierarquizam os sujeitos.

Dessa forma, a identidade não pode ser compreendida apenas como uma construção individual, mas como um espaço de luta política, onde diferentes discursos disputam a definição do que pode ou não ser reconhecido. Concluimos que a identidade nunca será uma resposta definitiva – ela será sempre um território em disputa, um reflexo das forças sociais que moldam nossa existência.

2.2 MULTICULTURALISMO E PLURICULTURALISMO: ENTRE A PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE E A CONSTRUÇÃO DO PERTENCIMENTO.

A cultura pode ser comparada a um grande rio formado por múltiplos afluentes, cada um trazendo sua própria cor, sabor e movimento. Algumas correntes se misturam de forma harmoniosa, criando percursos, enquanto outras resistem, buscando preservar sua identidade original. Mas seria possível equilibrar esses fluxos sem que um se sobreponha ao outro? Como conciliar o direito à diferença com a necessidade de uma convivência social coesa?

Essas são questões centrais nos textos intitulados *Multiculturalismo e Pluriculturalismo*, de Viana Neto e *Multiculturalismo*, de Andrea Semprini, ambos tratam da diversidade cultural, adotando perspectivas complementares: Semprini (1999) investiga a dimensão política do multiculturalismo, analisando seus



modelos e implicações, enquanto Viana Neto (2010) reflete sobre as dinâmicas da interação cultural, diferenciando multiculturalismo e pluriculturalismo.

Ao articularmos as ideias desses autores, percebemos que a discussão não se limita à coexistência de culturas dentro de um mesmo território, contudo se estende à forma como essas culturas se relacionam. Devem ser preservadas em sua pureza original? Devem se misturar livremente? Ou há um caminho intermediário que permita o equilíbrio entre identidade e pertencimento?

Ambos os autores tratam do multiculturalismo como uma resposta ao crescimento da diversidade cultural nas sociedades ocidentais, impulsionado por processos de imigração, globalização e lutas por reconhecimento. No entanto, como essa diversidade deve ser tratada é um tema de intenso debate. Para Semprini (1999) o multiculturalismo não é apenas um fenômeno social, mas um projeto político, podendo assumir diferentes configurações conforme o contexto. São identificados três modelos principais: multiculturalismo liberal, que busca integrar minorias sem alterar a estrutura política e jurídica do Estado, garantindo direitos individuais iguais para todos; multiculturalismo comunitário, que reconhece a identidade coletiva de determinados grupos e concede direitos específicos para preservar suas tradições e por fim, multiculturalismo radical, que questiona a própria estrutura do Estado-Nação, propondo transformações profundas para garantir uma verdadeira pluralidade de sistemas normativos.

Esses três modelos representam tentativas legítimas de gestão da diversidade, porém apresentam desafios. Os autores alertam que, ao enfatizar a preservação das diferenças, o multiculturalismo pode acabar reforçando barreiras entre os grupos, resultando em sociedades fragmentadas, onde culturas coexistem, mas não interagem efetivamente. Essa preocupação se reflete na análise de Viana Neto (2010), que aponta uma tendência do multiculturalismo à cristalização das identidades culturais. Ao priorizar a proteção das diferenças, o autor alerta que há o risco de transformar tais diferenças em fronteiras rígidas, dificultando a construção de um sentimento de pertencimento compartilhado, problema que se agrava quando as políticas multiculturais são implementadas sem considerar os seus efeitos sociais, resultando em



segregações invisíveis, onde grupos vivem lado a lado, mas permanecem isolados.

Diante das limitações do multiculturalismo, o autor propõe, ainda, um conceito alternativo: o 'pluriculturalismo', que não apenas reconhece a diversidade, bem como incentiva a interação entre culturas. Se o multiculturalismo pode ser comparado a 'um arquipélago de ilhas separadas', onde cada cultura mantém sua autonomia, o 'pluriculturalismo' assemelha-se a uma rede de pontes, permitindo trocas e a construção de novas formas de identidade. Nesse modelo, a cultura não é vista como uma entidade fixa, mas como um processo contínuo de transformação, enriquecido pelo diálogo entre diferentes tradições. O pluriculturalismo de Viana Neto (2010) não nega a importância da identidade cultural, mas sugere que ela deve ser dinâmica e aberta ao intercâmbio e à resignificação.

Esses conceitos convergem com as críticas ao multiculturalismo comunitário de Semprini (1999), que enfatiza e destaca a autonomia dos grupos culturais, reforçando os essencialismos. Afinal, até que ponto uma cultura pode ser protegida sem se tornar rígida e impermeável às mudanças? O pluriculturalismo oferece a resposta à questão, propondo que a identidade não seja um ponto de chegada, mas um processo em constante evolução. Viana Neto, no entanto, alerta para um risco: sem um equilíbrio adequado, o pluriculturalismo pode levar ao apagamento de identidades minoritárias, as quais, ao entrarem em contato com culturas dominantes, acabam sendo absorvidas ou descaracterizadas. Nesses conceitos e ideias há um dilema fundamental: como garantir que a interação cultural não resulte na imposição dos valores de um grupo sobre outro? As discussões sobre multiculturalismo e pluriculturalismo transcendem o campo teórico e se refletem diretamente em políticas públicas e práticas sociais. Tanto Semprini (1999) quanto Viana Neto (2010) concordam como esses conceitos impactam áreas como educação, imigração e cidadania.

Na educação, o multiculturalismo se manifesta na inclusão de conteúdos que reflitam diferentes perspectivas históricas e culturais, garantindo que



minorias tenham sua identidade representada. O pluriculturalismo, por outro lado, propõe um passo além: mais do que reconhecer a diversidade, busca criar espaços de diálogo intercultural, nos quais os alunos possam aprender uns com os outros, construindo uma identidade coletiva que respeite as singularidades de cada grupo.

No contexto da imigração, o multiculturalismo defende o direito dos imigrantes de manterem suas tradições e costumes sem a necessidade de assimilação completa à cultura do país de acolhimento. O pluriculturalismo, por sua vez, enfatiza a adaptação mútua, promovendo políticas que incentivem tanto os imigrantes quanto a população local a interagirem e incorporarem novas influências culturais, ampliando o sentido de pertencimento.

Entretanto, ambos os modelos enfrentam desafios. Semprini(1999) questiona se o multiculturalismo pode, de fato, garantir inclusão sem comprometer a coesão social, enquanto Viana Neto (2010) adverte que o pluriculturalismo, se não for cuidadosamente equilibrado, pode resultar na diluição de identidades minoritárias. O grande desafio está em conciliar o respeito à diversidade com a construção de um pertencimento compartilhado. Essas reflexões de ambos os autores nos conduzem a uma conclusão essencial: mais do que reconhecer a diversidade cultural, é necessário transformá-la em um fator de coesão, e não de segregação.

O multiculturalismo ensina a importância de valorizar e proteger as diferenças, enquanto o pluriculturalismo destaca que a diversidade só se fortalece por meio da interação. O desafio das sociedades contemporâneas não é apenas garantir a existência de múltiplas culturas, mas criar condições para que elas dialoguem de forma equitativa, sem que nenhuma seja marginalizada ou silenciada.

Talvez a solução não esteja em escolher entre multiculturalismo e pluriculturalismo, mas, sim, em articular elementos de ambos para construir sociedades mais inclusivas, dinâmicas e verdadeiramente interculturais. Afinal, se a cultura é um rio, seu fluxo não pode ser interrompido – ele deve seguir seu curso, encontrando novos caminhos sem perder sua essência.



2.3 LEITURA INTERDISCIPLINAR DE *A CHAVE DA CASA*, DE TATIANA SALEM LEVY

A identidade é um conceito em constante evolução, que se relaciona e é construída socialmente, um tema crucial nas pesquisas culturais e sociológicas atuais. Ao invés de ser uma essência imutável, a identidade se forma por meio de interações, deslocamentos e negociações contínuas, incluindo aspectos de memória, pertencimento e diversidade. A literatura, nesse contexto, se destaca como um espaço privilegiado para a investigação dessas tensões, proporcionando narrativas que mostram como os indivíduos vivenciam tanto a fragmentação quanto a resignificação de sua identidade.

Tatiana Levy (2010), autora de *A Chave da Casa*, apresenta uma protagonista não nominada, que herda do avô a chave de uma antiga residência da família na Turquia, marcando o início de uma jornada em busca de suas raízes. Contudo, nessa exploração, ela não consegue um retorno absoluto ao passado; ao contrário, percebe que a identidade é um processo de reconfiguração constante, influenciado por transformações físicas e emocionais.

A complexidade dessa experiência emblemática dialoga diretamente com as reflexões teóricas de Semprini (1999) e Viana Neto (2010), que abordam o multiculturalismo e o pluriculturalismo, examinando as tensões entre o reconhecimento da diversidade e a manutenção das fronteiras culturais. Tadeu Silva (2009) contribui nessa discussão, ao problematizar a identidade como efeito discursivo, enquanto Bauman (2005) aprofunda a análise da identidade na modernidade líquida, evidenciando sua fluidez e instabilidade.

Começando da intertextualidade entre teoria e literatura, nosso artigo objetiva mostrar como *A Chave da Casa* representa de forma literária os desafios da construção identitária, articulando os conceitos de multiculturalismo, construção discursiva da identidade e modernidade líquida. Andrea Semprini (1999) aborda de diferentes maneiras a diversidade cultural, destacando três referências de políticas multiculturais. Inicia referindo-se ao multiculturalismo liberal, que promove a igualdade de direitos individuais, sem implementar



políticas específicas para grupos culturais. Em seguida, com o multiculturalismo comunitário, que valoriza a identidade dos grupos e concede direitos diferenciados para proteger suas tradições e o terceiro modo, está incluso o multiculturalismo radical, que questiona os fundamentos do Estado-Nação e sugere uma organização social descentralizada e plural.

Essas três perspectivas estão presentes na trajetória da protagonista de *A Chave da Casa*, que percorre por diferentes países e culturas em busca de um vínculo definitivo. Como descendente de judeus sefarditas, sua identidade é marcada pelo exílio e pela ausência de um território fixo. Em sua viagem para a Turquia, a personagem espera reconstruir um elo com o passado, mas percebe que esse pertencimento é ilusório.

Esse deslocamento constante reflete a noção de multiculturalismo vivido, em que a identidade não é herdada, mas construída na experiência. No entanto, a narrativa também problematiza o multiculturalismo liberal, pois a protagonista percebe que a convivência entre culturas não ocorre de forma neutra, mas é permeada por relações de poder e exclusão. A chave que carrega simboliza uma memória de exílio e perda, evidenciando que o passado não pode ser simplesmente recuperado, mas deve ser ressignificado. Conforme esclarece Levy (2010, p.116)

Romper definitivamente com o passado é mais difícil do que imaginamos, gera culpa, uma culpa que pode se tornar mortal. Penso que é por isso que somos judeus mesmo quando não o somos. Dizemos que se trata de uma questão genealógica, mas é sobretudo uma questão de medo: temos medo de esquecer o passado e ser responsáveis por isso. [O passado não é para ser esquecido]

Tomaz Tadeu da Silva (2009) nos lembra que a identidade não é uma essência fixa, mas um efeito do discurso. Ou seja, nós não “somos” formados de maneira inata, nos tornamos pessoas, a partir das narrativas que nos moldam. A protagonista do romance carrega essa angústia consigo. Sendo descendente de imigrantes judeus-turcos, brasileira de nascimento e marcada pelas influências culturais portuguesas, ela se vê presa a um emaranhado de histórias



que parecem defini-la, porém, ao mesmo tempo, não lhe proporcionam um sentido de pertencimento verdadeiro.

Essa sensação de deslocamento interage com o que Bauman (2005) descreve como a liquidez da identidade na modernidade contemporânea. Diferente das sociedades tradicionais, onde as identidades eram sólidas e previsíveis, hoje elas são fluídas e instáveis. O que somos hoje pode não ser o que seremos amanhã, e essa liberdade, que à primeira vista parece promissora, muitas vezes, se transforma em um fardo. Ser livre para se construir significa também carregar o peso da incerteza sobre quem realmente somos:

Mas não sou portuguesa, sou brasileira. Não, não sou brasileira, sou turca. Meus avós vieram daqui, são todos turcos. Eu também. Veja, não pareço turca? Olhe o meu nariz comprido, a minha boca pequena, os meus olhos de azeitona. Sou turca. O policial torceu o nariz: *you need* a visa. Não discuti, meus argumentos nunca o convenceriam. Dei meia-volta e fui à imigração. Enfezada, indignada, decepcionada. (Levy, 2010, p. 33)

O dilema da protagonista, portanto, não se resume à busca de uma moradia física, mas sim de um lugar simbólico onde sua identidade possa se consolidar. Mas será que esse lugar realmente existe? Ou será que, como sugere Bauman, a identidade na modernidade líquida é uma tarefa interminável, sempre escorregando entre nossos dedos no momento em que acreditamos tê-la alcançado?

A identidade constitui um domínio em incessante transformação. Ela se configura no embate entre o passado e o presente, entre a memória e o esquecimento, entre as raízes que nos restringem e os ventos que nos impulsionam para além do que já conhecemos. Não existem mapas definitivos para essa travessia; cada sujeito carrega consigo fragmentos de narrativas, línguas, tradições e afetos que se entrelaçam e, muitas vezes, colidem. O sentimento de pertencimento não é uma equação precisa – ele se delineia no contato com o outro, na aceitação da mutabilidade e na negociação contínua entre o que fomos, o que somos e o que aspiramos ser.



No romance *A Chave da Casa*, de Tatiana Salem Levy, a protagonista vivencia essa tensão em sua essência. Descendente de judeus-turcos que migraram para o Brasil, ela é uma mulher fragmentada entre diferentes geografias e temporalidades, carregando um legado familiar que a conecta a terras distantes, mas sem nunca se sentir enraizada em nenhuma delas. Sua identidade não está firmemente ancorada em um único local; ao contrário, é fluida, fragmentada, constantemente tensionada pela sensação de exílio, embora nunca tenha deixado seu país de origem de forma definitiva. Para ela, a casa transcende um espaço físico – é um símbolo de pertencimento, uma promessa de estabilidade em meio ao fluxo incerto da existência.

Mas o que, de fato, significa pertencer? A protagonista recebe do avô uma chave – um objeto permeado de simbolismo, que carrega a memória de uma casa que pode já não existir, de uma terra que pode não mais reconhecê-la. A chave representa tanto um convite ao retorno quanto um desafio: será viável abrir uma porta para o passado e reencontrar aquilo que se perdeu? Ou a identidade é algo que, uma vez deslocado, jamais pode ser plenamente recuperado?

Sua jornada, ao embarcar para a Turquia na tentativa de reencontrar essa casa ancestral, não é meramente uma busca por um espaço físico, mas um imersão em sua própria subjetividade, em suas origens e em seu lugar no mundo. Essa busca, todavia, revela-se mais complexa do que aparenta. O desejo de encontrar algo que a fixe em um território colide com a descoberta de que a identidade, longe de ser um espaço seguro e imutável, é permeada pela liquidez descrita por Zygmunt Bauman – um estado de constante mutação, no qual os indivíduos precisam reinventar-se continuamente para lidar com a fluidez da modernidade.

Não sei até que ponto são verdadeiras as histórias do meu avô, até que ponto é verdadeiro o que vivo agora. Nem mesmo sei se é verdadeira a minha viagem. Parece que quanto mais me aproximo dos fatos mais me afasto da verdade. (Levy, 2010, p. 88)



Esta jornada existencial dialoga intensamente com as reflexões de Bauman, Tomaz Tadeu da Silva, Andrea Semprini e Arnaldo Rosa Viana Neto, teóricos que problematizam os desafios do pertencimento em um mundo onde as antigas certezas sobre identidade foram desfeitas. O que outrora era algo legado – definido pela nacionalidade, pela etnia, pela cultura familiar – agora se transforma em um processo negociado, uma construção contínua que se reconfigura a cada vivência, a cada deslocamento, a cada novo encontro.

O multiculturalismo, o pluriculturalismo, a fluidez das identidades e a construção discursiva do “eu” não são meramente conceitos abstratos – eles são experiências concretas, representam a angústia de não se ajustar plenamente em nenhum lugar, constituem as incertezas que reverberam a cada passo de quem busca encontrar seu espaço no mundo. A protagonista de *A Chave da Casa* personifica esse dilema: ao buscar uma resposta definitiva sobre quem é, descobre que a identidade não é um destino fixo, mas um caminho em constante elaboração. Assim como a residência que procura na Turquia pode já não ser a mesma que existia nas memórias do avô, ela própria jamais poderá ser apenas o reflexo de suas origens – pois a identidade, assim como a própria vida, é movimento, é travessia, é um rio que nunca deixa de fluir.

Disse-lhe que sempre me perguntavam isso, mas não, não é o mundo: carrego meu passado, carrego uma história que é e não é minha, e por isso estou aqui, na Turquia. Conte-lhe que meu avô tinha emigrado de Esmirna. Que eu estava lá em busca do meu passado e da casa da minha família. (Levy, 2010, p.87)

Se a identidade da protagonista é composta por fragmentos culturais que se entrelaçam, uma questão se apresenta: Como diversas culturas podem coexistir sem que uma suprima a outra? Este é o ponto nevrálgico das análises de Andrea Semprini (1999) e Arnaldo Rosa Viana Neto (2010), autores que distinguem duas abordagens para definir a diversidade cultural: o multiculturalismo e o pluriculturalismo.

O multiculturalismo, conforme elucidado por Semprini (1999), fundamenta-se na premissa de que diferentes culturas podem coexistir em uma



mesma sociedade, desde que sejam preservadas em sua forma original. Essa lógica se assemelha ao que a protagonista almeja ao viajar para a Turquia: ela deseja encontrar uma identidade intacta, um passado conservado e uma resposta definitiva a respeito de sua essência. No entanto, a realidade encontrada não corresponde a essa expectativa. Ao chegar à Turquia, percebe que a residência do avô já não é mais a mesma, que as ruas apresentam vestígios de transformações, que nada se mantém como anteriormente. O tempo não é um museu onde as memórias permanecem guardadas à espera de nosso retorno – é um rio que modifica tudo o que toca.

É neste contexto que a perspectiva de Viana Neto (2010) acerca do pluriculturalismo se torna crucial. Para ele, a identidade deve ser concebida não como algo estático, mas como um processo de intercâmbios e ressignificações. No pluriculturalismo, as culturas não apenas coexistem – elas interagem, se amalgamam, se influenciam mutuamente.

A protagonista de *A Chave da Casa*, ao longo de sua trajetória, reconhece que seu pertencimento não será descoberto em uma chave, em uma casa, ou em um passado cristalizado. Ele poderá ser construído apenas no diálogo com experiências diversas, na aceitação da identidade não como algo inacabado, mas constante transformação. A chave que a protagonista recebe do avô transcende a condição de um mero objeto – ela configura um símbolo da própria identidade, carregando a promessa de um retorno, de uma origem e de algo que pode ser recuperado, reivindicado. No entanto, ao mesmo tempo, essa chave denota uma ilusão: e se aquilo que almejamos já não existe? E se a identidade não se traduz em uma porta a ser destrancada, mas sim em um caminho a ser trilhado?

Andrea Semprini (1999) nos adverte acerca de um dos perigos do multiculturalismo: ao tentar preservar as identidades culturais como se fossem imutáveis, corremos o risco de congelá-las no tempo, bloqueando sua evolução e adaptação às novas realidades. É exatamente essa constatação que a protagonista realiza, ao perceber que sua identidade não constitui uma herança



intacta, que pode ser simplesmente reivindicada, ela é algo que deve ser construída a partir do tempo presente.

A perspectiva de Bauman (2005) sobre a modernidade líquida também se alinha a esse dilema. Assim como a chave do romance não abre uma casa que a protagonista possa habitar, a identidade, na contemporaneidade não é um destino fixo – ela revela uma jornada, sempre em movimento, sempre mutável.

3 METODOLOGIA

A metodologia de um artigo delinea os procedimentos empregados para conduzir a pesquisa, incluindo o tipo de estudo, a seleção da amostra, os métodos de coleta e análise de dados, considerações éticas e limitações do estudo. Sua descrição detalhada e transparente é essencial para garantir a replicabilidade e a confiabilidade dos resultados, além de proporcionar uma base sólida para a interpretação e a generalização dos achados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da análise interdisciplinar da obra *A Chave da Casa*, de Tatiana Salem Levy, revelam como a narrativa literária pode se constituir em um campo fértil para a compreensão das dinâmicas identitárias na contemporaneidade. A partir das lentes teóricas de Bauman (2005), Tomaz Tadeu da Silva (2009), Andrea Semprini (1999) e Arnaldo Rosa Viana Neto (2010), constatou-se que o romance não apenas ilustra conceitos como identidade líquida, multiculturalismo e pluriculturalismo, mas também tensiona os limites dessas noções ao situar sua protagonista em uma jornada subjetiva de ressignificação.

A análise do percurso da personagem principal evidenciou que a identidade, longe de ser algo fixo ou herdado, apresenta-se como um processo relacional e fluido, constantemente atravessado por deslocamentos geográficos, afetivos e simbólicos. A chave que simboliza o retorno às origens revela-se, ao



longo da narrativa, uma metáfora da impossibilidade de reconectar-se plenamente ao passado. Em vez de reconciliação, a viagem à Turquia torna-se um campo de estranhamento, no qual a memória familiar colide com a realidade presente.

Esses achados se alinham à concepção de Bauman (2005) sobre a modernidade líquida, em que os sujeitos, desprovidos de ancoragens sólidas, experimentam a identidade como um fardo e uma tarefa contínua de reinvenção. Por sua vez, Silva (2009) reforça que essa fluidez não é neutra, sendo atravessada por discursos de poder que legitimam ou marginalizam certas identidades. Essa dimensão se manifesta no episódio em que a protagonista é rejeitada na imigração turca, momento em que se evidencia que o pertencimento não depende apenas da autoidentificação, mas da validação social e institucional.

Ao comparar multiculturalismo e pluriculturalismo, percebe-se que o romance inicialmente encena o desejo multicultural de retorno a uma identidade essencializada, mas gradativamente migra para uma perspectiva pluricultural. A personagem descobre que não há pureza cultural a ser recuperada e que a identidade é formada no entre-lugar, por meio de interações, conflitos e reconstruções. Nesse sentido, a obra problematiza o multiculturalismo comunitário descrito por Semprini (1999), ao mostrar que o apego a uma identidade cultural imutável pode se tornar um obstáculo ao pertencimento real. Em contraposição, o pluriculturalismo proposto por Viana Neto (2010) apresenta-se como uma alternativa mais coerente com a trajetória da personagem, ao sugerir que o pertencimento se constrói na convivência e na troca entre culturas, mesmo diante das tensões inevitáveis.

Portanto, a literatura revela-se como um espaço privilegiado para a articulação entre subjetividade e contexto social, oferecendo não apenas representações da identidade contemporânea, mas também possibilidades críticas de compreensão e intervenção. A personagem de *A Chave da Casa* não encontra uma resposta definitiva para a pergunta “quem sou eu?”, mas, ao final de sua jornada, compreende que essa pergunta, em si, está sempre em aberto,



exigindo constante elaboração e disposição para o diálogo com o outro e com a alteridade que habita em si mesma.

5 CONCLUSÃO

Conforme nos evidenciou o romance *A Chave da Casa*, de Tatiana Salem Levy (2007), a identidade não é um ponto de chegada, mas, sim, uma travessia contínua. A jornada da protagonista revela que o pertencimento não se restringe a um território fixo ou a uma herança imutável; ele se constrói no movimento, nas trocas culturais e na maneira como reinterpretamos nossas próprias histórias. A chave que ela recebeu do avô pode simbolizar tanto a conexão com o passado quanto a impossibilidade de recuperá-lo como exatamente foi. Em sua trajetória, a personagem compreende que a identidade não é algo previamente dado, à espera de ser reivindicado, mas um processo incessante de reconstrução.

Essa reflexão se entrelaça com as propostas de Zygmunt Bauman (2005) sobre a modernidade líquida. Diferentemente das sociedades tradicionais, onde a identidade era transmitida como um legado fixo, na contemporaneidade ela se configura como um processo dinâmico, marcado por deslocamentos e escolhas. A protagonista, ao se confrontar com as múltiplas versões de si mesma – brasileira, judia sefardita, portuguesa e turca, percebe que nenhuma dessas identidades lhe oferece um senso definitivo de pertencimento. Em vez de alcançar uma resposta única sobre quem é, descobre que sua identidade está em constante construção, oscilando entre a memória e o esquecimento, a origem e o futuro, o desejo de raízes e a necessidade de liberdade.

A obra suscita também uma reflexão sobre o impacto das relações de poder na formação identitária. Como apontam os estudos sobre multiculturalismo e pluriculturalismo, a convivência entre culturas nem sempre ocorre de maneira harmônica ou igualitária. Andrea Semprini (1999) diferencia essas duas perspectivas, ao afirmar que o multiculturalismo tende a reforçar fronteiras culturais, enquanto o pluriculturalismo enfatiza o intercâmbio e a transformação mútua. A protagonista percebe que, embora carregue elementos de diferentes



heranças culturais, seu pertencimento não depende apenas de como ela se enxerga, mas também de como é apreendida pelos outros. O episódio em que foi barrada na imigração da Turquia ilustra essa tensão: mesmo reivindicando sua ancestralidade turca, ela não foi reconhecida como pertencente àquele país, ou espaço. Como observa Silva (2009), a identidade não é apenas uma construção subjetiva, mas um processo social, regulado por discursos e relações de poder que definem quem pode ser legitimado e quem será excluído.

Dessa maneira, o livro *A Chave da Casa* transcende a experiência individual da protagonista (não nominada) e se torna um reflexo das inquietações do mundo contemporâneo. Em uma era marcada por deslocamentos, diásporas e transformações culturais, a identidade se revela como um espaço de negociação constante, mais do que um ponto fixo, ela é um caminho que se refaz a cada passo, trazendo consigo tanto as marcas do passado quanto as incertezas do futuro. Esse romance nos faz lembrar que, no fim das contas, a nossa verdadeira casa pode não estar em um lugar específico, mas na capacidade de acolher as múltiplas versões de nós mesmos, compreendendo a identidade não como algo dado, mas como uma jornada aberta e em permanente evolução e construção.



REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi: tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LEVY, Tatiana Salém. **A chave da casa.** 6. ed. Rio de Janeiro-RJ: Record, 2010.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo.** Tradução Laureano Pelegrini. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SILVA, Tomás Tadeu da. **Identidade e diferença: uma perspectiva dos estudos culturais.** 9. ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2009.

VIANA NETO, Arnaldo Rosa. Multiculturalismo e pluriculturalismo. *In:* **Conceitos de Literatura e cultura.** Org. Euridice Figueiredo. 2. ed. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: 2010.